

AS SENHORAS BENOITON NO PERÍODO OITOCENTISTA

Pamela Manoela Velozo da Silva¹

RESUMO

Onfália Benoiton texto publicado por Eça de Queirós em 15 de dezembro de 1867, na *Gazeta de Portugal*, tornou-se uma figura simbólica, sendo resgatada, posteriormente, em outros textos como no poema *A Carlos Baudelaire*, do heterônimo coletivo Carlos Fradique Mendes, criado por Eça, Antero de Quental e Jaime Batalha Reis, no romance *O mistério da estrada de Sintra*, escrito por Eça juntamente com Ramalho Ortigão, e no poema *Flores Venenosas – I Cabelos*, de Cesário Verde. A expressão *Benoiton* não se refere necessariamente à Onfália, personagem criada por Eça, e sim à personagem Madame Benoiton, da peça *La Famille Benoiton*, de Victorien Sardou (1831-1908), dramaturgo francês. A expressão Benoiton pode ser compreendida tanto como um adjetivo (referindo-se à frieza, à materialidade, ao dom-juanismo), quanto como um adjunto adverbial de modo (relativo à moda, ao chic, e ao toilet). Diante dessas referências, este trabalho tem como objetivo fazer um levantamento de como a expressão Benoiton influenciou as mulheres em relação à moda na época oitocentista, não só em Portugal, mas também aqui no Brasil. Para tanto serão utilizados o periódico *O Correio Paulistano* (1854-1859) encontrado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, e *O Correio das Damas* (Lisboa, 1867-1879), na Biblioteca Nacional de Portugal. Aqui, será possível definir as temáticas de moda, primordialmente, os artigos de moda, bem como as suas gravuras de moda, responsáveis por dar a conhecer à senhora oitocentista que se vestia à moda Benoiton.

Palavras-chave: Mulher; Moda, Benoiton.

1 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), pamella.velozo@uel.br;

INTRODUÇÃO

Talvez sempre tenha existido a hipótese de que a moda poderia ser uma essencial aliada da visão tradicional da “mulher-objeto”, “ser não pensante” e passivo na sociedade, importante ornamento dos salões de bailes, dos camarotes nos teatros, ou ainda no Passeio Público. Não é em vão que o sucesso de um baile sempre foi avaliado pelo número de convidadas do sexo feminino. A moda terá ainda um papel importante, de demonstração do poder ilustre, sarcasticamente, masculino.

De acordo com Morais (2012 apud BRAGA, 2021, p. 48) a moda, que se altera, a partir do século XIX, de forma cada vez mais rápida, obrigará a uma maior atenção por parte das *dames fashionables* que precisam dedicar mais tempo na leitura assídua e cuidada dos jornais com modas, e posteriormente compra de tecidos, encomenda de vestidos, chapéus, luvas, calçados e demais acessórios, até às longas horas em frente de um espelho. Tais atividades retiram-lhes tempo para se preocuparem com questões políticas, instrução ou economia. São exatamente estes princípios que a moda perpetua, que os jornais, uns mais, outros menos feministas, irão tentar contrariar. Por outro lado, seria injusto tirar da mulher a moda, pois seria afastar-lhe a última fonte de visibilidade social.

Em meados do século XIX, a burguesia começa a tornar-se a classe social dominante e os seus modelos familiares são impostos a toda a sociedade. A mulher socialmente aceita, era aquela que cumpria a missão feminina, de mãe e esposa, e por outro, aquela que se vestia de acordo com os cânones da moda. Assim, era a mulher aristocrata ou da alta burguesia, privilegiada por não ser obrigada a trabalhar, e ainda a única com recursos financeiros disponíveis para permitir os avultados gastos que a moda exigia, tornando-se assim, aquela que mais facilmente se aproximava do ideal feminino.

Por outro lado, na literatura, poemas como os de Cesário Verde, Carlos Fradique Mendes, Guerra Junqueiro e as narrativas de Eça de Queiros denotam uma forte influência da moda sob as mulheres oitocentistas de Portugal, demarcando como essa influência não está implicada apenas na maneira como se vestiam e sim no comportamento diante da sociedade burguesa da época. Nesse sentido, o artigo busca mostrar que os tecidos de luxo e adornos especiais não faziam parte, apenas, de uma moda da época, mas que deixavam claro para aquela sociedade que ela se pertencia a certo grupo, o *high life*. Um grupo para o qual os sentimentos pouco importavam, um grupo que vivia a vida de modo superficial, a

partir de eventos da moda, do luxo, das ligações perigosas e excitantes da época.

Para tanto, fez-se necessária uma releitura analítica dos textos mencionados: *Onfália Benoiton* (1867), *O mistério da estrada de Sintra* (2008), de Eça de Queirós, *A Carlos Baudelaire* (1867), do heterônimo coletivo Carlos Fradique Mendes, criado por Eça, Antero de Quental e Jaime Batalha Reis e *Flores Venenosas – I Cabelos* (1874), de Cesário Verde, para que fosse possível selecionar os trechos que melhor sintetizam e exemplificam essas constâncias da moda, isto é, que permitem entrever a representação do luxo como um estilo de vida. Na sequência, a busca pelos periódicos torna-se imprescindível para a obtenção de bons resultados no que tange a observação dos artigos de moda e o nome Benoiton expandidos no Brasil, além de Portugal.

Nesse sentido, para poder fomentar todas essas discussões, foram utilizadas as algumas bibliografias de cunho teórico, sendo: *A gênese da personagem Queirosiana em prosas bárbaras* (2002), de Ana Peixinho, *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica* (1996), de Mario Praz, *A mulher no romance de Eça de Queiroz* (1999), de Francisco Dantas, *A sobrevida poética do tipo “benoiton” no despontar da modernidade lírica portuguesa* (2018), trabalho de conclusão de curso de Rafael Guedes, *A Moda no Periodismo Português Oitocentista* (2020), de Ricardo Braga.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Onfália Benoiton”, por exemplo, é um texto publicado por Eça de Queirós em 15 de dezembro de 1867, na *Gazeta de Portugal*. Trata-se de uma narrativa epistolar composta de três cartas, onde se relata a relação amorosa estabelecida entre Onfália Benoiton e Estêvão Basco, uma relação baseada no adultério e na exploração material. Essas três cartas correspondem a três etapas da construção da trama: a primeira é exclusivamente reservada ao tratamento e caracterização da protagonista, a segunda refere-se à descrição da personagem masculina, e a terceira contém o desenvolvimento da ação propriamente dita.

Contudo, o que vai nos interessar aqui é a primeira carta a qual nos revela o tratamento e a caracterização de Onfália. Nesta carta, então, Onfália Benoiton é descrita por meio da artificialidade e da máscara: corpo alto, coberto de estofos, pele admiravelmente colorida, sobranças desenhadas com a delicadeza de um artista, os espartilhos de *Birmingham*, a vivência na comédia do luxo; e também sob a perspectiva

animalesca e violenta: mão delgada, flexível, magra, adunca, sempre nervosa; mão nervosa, boca nervosa, magra nervosa; atitude de ostentação com os vestidos de provocação especuladora, penteados disformes, o seio erguido, aparência de animalidade audaz, vaga intenção como ave de rapina.

Onfália ainda é vista como uma mulher trivial, materialista, intelectualmente vazia, fútil, viciada, vaidosa, inútil e ostensiva. A personagem caracteriza, simbolicamente, a mulher burguesa e decadente dos ambientes cosmopolitas do século XIX. Os gostos e costumes da personagem feminina também são evidenciados, relacionando-a intimamente aos espaços socioculturais daquele tempo. A personagem se satisfaz em ler uma literatura ultrarromântica, quase de teor negro, e frequenta lugares como: casinos, teatros e óperas.

De acordo com Ana Teresa Peixinho (2002), a personagem Onfália pode ser considerada uma antecipação das mulheres perversas que mais tarde aparecerão em outras obras de Eça. Ela representa todos os vícios e atitudes comportamentais da mulher burguesa considerada depravada. Uma característica comum a todas essas mulheres é a beleza hipnótica, magnética para os homens.

Nesse sentido, Onfália Benoiton tornou-se uma figura simbólica, sendo resgatada, posteriormente, em outras obras literárias como o poema “A Carlos Baudelaire”, do heterônimo coletivo Carlos Fradique Mendes, criado por Eça, Antero de Quental e Jaime Batalha Reis; no romance *O mistério da estrada de Sintra*, escrito por Eça juntamente com Ramalho Ortigão; e no poema “Flores Venenosas – I Cabelos”, de Cesário Verde. Não é possível afirmar, com certeza, até que ponto a expressão Benoiton se refere à Onfália, personagem criada por Eça, ou à Madame Benoiton, personagem da peça *La Famille Benoiton*, do dramaturgo francês Victorien Sardou (1831-1908). Em nossa pesquisa, tentaremos nos aproximar de uma resposta nesse sentido. Em todo caso, nas suas formas de sobrevivência extra-literária, a expressão Benoiton pode ser compreendida tanto como um adjetivo (referindo-se à frieza, à materialidade, ao dom-juanismo), quanto como um adjunto adverbial de modo (relativo à moda, ao *chic*, e ao *toilet*).

Já no ano de 1870, Eça de Queiros, juntamente com Ramalho Ortigão, publica o primeiro romance policial de Portugal: “*O Mistério da estrada de Sintra*”. No quinto capítulo da obra, Carlos Fradique Mendes aparece como personagem e, dentre outras coisas, narra uma desilusão amorosa com a atriz francesa Rigolboche (1842-1920). A atriz o abandona

por outra paixão, e mesmo sendo trocado, Fradique deixa escrito em um álbum alguns versos para quando sua ex-amante morresse, prometendo-lhe um velório *chic*, digno de alguém sepultado em Paris., para quando esta morresse. Alguns dos versos de Carlos Fradique Mendes dizem o seguinte: “*E eu quinda te amo, ó pálida canalha, Que sou gentil e bom, Far-te-ei enterrar numa mortalha Talhada à Benoiton!*” (QUEIRÓS, 2008. p. 197). Nesses versos, a palavra Benoiton aparece trazendo características relativas à moda, ao vestuário, ao *chic*.

A Revista do Passeio e a *Crônica Theatral* são duas crônicas típicas que surgem *n’O Jornal das Damas* em Lisboa (1836-1879) e ambas se direcionam para um modo recreativo e cultural. Enquanto que a primeira relata a vida cultural do Passeio Público, a segunda remete-se aos principais palcos da capital e aos seus cartazes. *A Revista do Passeio*, exhibe contos e crônicas correspondentes à época dourada do Passeio Público em Portugal, sempre referindo-se aos artigos sobre moda e aos *toilettes* vigentes na época. *A Revista do Passeio* torna-se, assim, um adendo do artigo de moda, na medida em que o seu maior interesse consiste em relatar e noticiar os *toilettes* mais notáveis e elegantes observados durante o Passeio Público. (Ver Figura 1)

Figura 1 - O Correio das Damas. N.º 1 (01 de fevereiro de 1836).



Fonte: Biblioteca Nacional Digital Portugal. Disponível em: <https://purl.pt/14346>

No Brasil, em 1867, Machado de Assis, pelo pseudônimo de Dr. Semana, publicou uma crônica semanalmente na Revista da Semana, que se declarava humorística, chamada *Semana Ilustrada*, de circulação quase exclusiva, desde 1860, no Rio de Janeiro, então denominada a corte. Benoiton foi citada por Dr. Semana cerca de 14 vezes, algumas delas seria para referir-se à peça *A família Benoiton*, que seria exibida no teatro São Pedro, e outras referindo-se às moças que se vestiam à Benoiton. É interessante observar que antes de anunciar a exibição da peça teatral, o Dr. Semana já teria feito referências à Benoiton como adjunto adverbial de modo, referindo-se ao *toilette*. (Ver Figuras, 2, 3 e 4)

Figura - 2. *Semana Ilustrada*. Ed. 315 (1866)

Cada qual procurava mostrar mais espirito e fazer maior numero de trocadilhos.
 Infelizmente o Visconde do Trocadilho não se achava presente.
 Passou um grupo de moças a Benoiton.
 — Sabes o motivo porque todos os cabellos das nossas rigoristas se achão doentes?
 — Não.
 — Nem eu, e, no entanto, andão de rede pelas ruas.
 A resposta foi uma apupada.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/>

Figura - 3. *Semana Ilustrada*. Ed. 330 (1867)

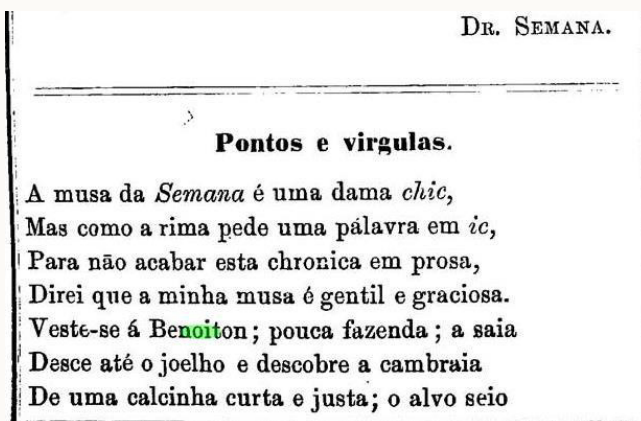
* * *

O theatro de S. Pedro annuncia *A familia Benoiton* e consta-me de fonte certa que o Gymnasio tambem vai leval-a á scena e montada com esmero e o luxo essenciaes á peça.
 A comedia de Sardou fez grande barulho em Pariz, onde alcançou 400 representações, e ainda agora conquista applausos em Lisbôa.
 E' magnifica pintura dos costumes actuaes e uma bella critica da vaidade moderna.
 Acho que o publico fluminense vai gozar bellissimas noutes.

* * *

Fonte: Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/>

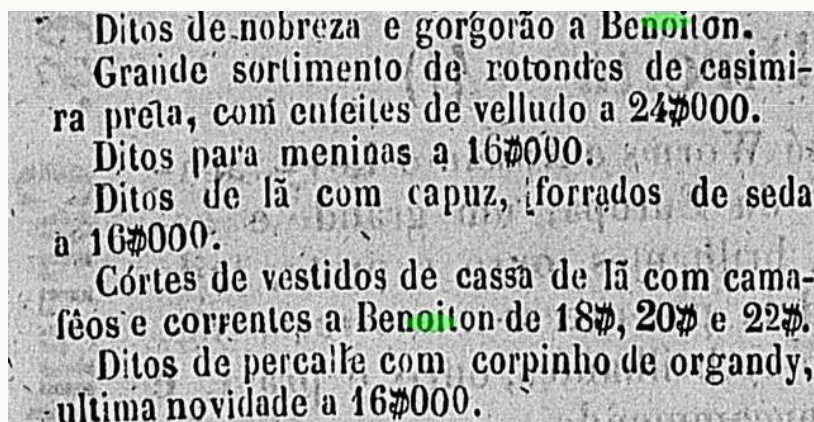
Figura - 4. Semana Ilustrada. Ed. 332 (1867)



Fonte: Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/>

Outras ocorrências referentes à expressão Benoiton são encontradas n' *O Correio Paulistano*. Ao todo são 81 ocorrências entre os anos de 1862 a 1869. Todas elas, com exceção da primeira, referem-se aos adornos de moda. (ver figura 5).

Figura - 5. Correio Paulistano (SP). Ed. 03065 (1866)



Fonte: Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=090972_02&Pesq=benoito n&pagfis=2540

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessas referências, podemos perceber a relação entre uma moda e um temperamento, um modo de agir socialmente que estava intrinsicamente ligado àquele mundo capitalista e materialista da

segunda metade do século XIX. O luxo não estaria voltado somente para os tecidos e enfeites caros, mas também para os lugares frequentados e a personalidade que a mulher viria assumir. Vestir-se à Benoiton era uma forma de delimitar um território ou de assumir socialmente uma máscara.

Para além disso, vestir-se à Benoiton poderia trazer para as mulheres oitocentistas a identificação de um estatuto e de um lugar na sociedade, uma vez que a mulher era privada de cargos públicos e impossibilitada de reconhecimento digno social. Pois, naquela sociedade os homens eram facilmente avaliados pelas divisas apresentadas em suas fardas, as condecorações na casaca ou o brasão no anel indicando o seu status, nesse sentido restava às mulheres conquistá-los e lhes reforçar a imagem pelo seu aspecto físico realçado por tecidos de luxo, feitos caprichosos, adornos escolhidos e glamourosos e atitudes estudadas.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Ricardo. **A moda no periodismo português oitocentista**. Dissertação (Mestrado em História da Arte Patrimônio e Cultura Visual) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. p. 276. 2020.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, ano 1866. n. 03065. p. 3. Disponível em: < http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=090972_02&Pesq=benoiton&pagf is=2540> Acesso em: 22 nov. 2021

GUEDES, Rafael Fabris. **A sobrevida poética do tipo “benoiton” no despontar da modernidade lírica portuguesa**. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras Vernáculas e Clássicas) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina. Londrina. p. 45. 2018.

JUNQUEIRO, Guerra. **A velhice do Padre Eterno**. 2 ed. São Paulo: Martin Claret, 2005. p. 166.

O CORREIO DAS DAMAS. **Jornal de literatura e de modas**. Lisboa: Typ, v. 1, nº 1 fev. 1836. ed. J. S. Mengo. Disponível em: < <https://purl.pt/14346>> Acesso em: 22 nov. 2021.

PEIXINHO, Ana T. **A gênese da personagem Queirosiana em prosas bárbaras**. Coimbra, PT: Edições Minerva Coimbra, 2002. p. 182.

PRAZ, Mario. **A carne, a morte e o diabo na literatura romântica**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996. Coleção repertório.

QUEIROZ, Eça. **Prosas Bárbaras**. Porto, PT: LELLO&IRMÃO – Editores 1845-1900. p. 257-268.

SEMANA, Dr. Semana Ilustrada. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, Ed. 00315- 00332, p. 02-08, 1867. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=702951&pagfis=2657&url=http://memoria.bn.br/docreader#>> Acesso em: 02 out. 2021